

Cristina Mello

(Centro de Literatura Portuguesa/Universidade de Coimbra)

Da Biblioteca Académica ao contexto pedagógico da leitura

Pretende-se, neste texto, apresentar uma reflexão sobre os discursos que têm lugar, no âmbito da disciplina de Didáctica da Literatura, sobre questões fundamentais do ensino da literatura e sua didáctica, na escolaridade básica e secundária.

Por discursos entendemos o conjunto de práticas verbais de dois tipos: por um lado, a discussão de problemas sobre a leitura dos textos literários enunciados a partir de posicionamentos teóricos contemporâneos; por outro lado, a prática real da leitura de textos literários.

Então, o que está em causa são vertentes do discurso pedagógico nas nossas aulas de Didáctica da Literatura, tendo em conta um aspecto específico, a saber, a discussão sobre a forma como a escola ensina e como pode ensinar a ler os textos literários. Para o efeito, torna-se necessário que se proceda, com os alunos, a um equacionamento de saberes de natureza teórica e prática sobre diversas dimensões do ensino-aprendizagem da leitura literária que servirão de referência em contexto de Estágio Pedagógico, mas não só, dado o alcance desses conhecimentos tanto para a realização de diversas actividades profissionais ao longo da vida como para a formação cultural do indivíduo. Na análise destas dimensões, procuramos ter em conta as concepções e as práticas de leitura em contexto pedagógico, de acordo com estudos nacionais que dão conta da realidade escolar do ensino do Português, bem como estudos internacionais sobre a escolarização da leitura e sobre a problemática da literacia. Não sendo esta abordagem da leitura literária em contexto escolar uma vertente exclusivista do trabalho didáctico sobre os textos literários, nesta disciplina de Didáctica da Literatura, porque outros interesses e objectivos se prendem à reflexão sobre a problemática da leitura literária nas vertentes sociológica, retórica, hermenêutica, entre outras (os quais acabam por ter implicações nos processos de ensino da

leitura), não resta dúvida de que esta dimensão didáctico-pedagógica assume grande relevância.

Dado os alunos já possuírem, em tese, conhecimentos básicos na área dos estudos literários e linguísticos, adquiridos em disciplinas anteriormente frequentadas e que impendem nas dimensões do trabalho escolar com os textos literários, o nosso ponto de partida consiste na abordagem, com eles, de textos literários, equacionando alternativas didácticas que lhes sejam úteis nas suas futuras práticas pedagógicas na disciplina de Português em contexto de Estágio Pedagógico. Nessas análises são convocados conhecimentos, nomeadamente na esfera dos estudos literários, agora reconfigurados, de acordo com a especificidade curricular da Didáctica da Literatura.

Na dilucidação de orientações para a leitura literária no terceiro ciclo do ensino básico e no ensino secundário (níveis em que realizam o Estágio Pedagógico), ao lado da reflexão de natureza teórica e metodológica sobre concepções de leitura e o seu ensino nestes níveis, é forçoso conhecer o modo como os nossos alunos de Didáctica da Literatura lêem os textos, tendo em conta diversos factores: a sua formação em disciplinas anteriormente frequentadas, veiculadora de concepções sobre o fenómeno literário, em aspectos da sua produção e recepção; os modos como nas suas leituras fazem intervir esses conhecimentos; a sua proficiência na leitura, designadamente ao nível do desempenho discursivo; enfim, as capacidades e competências na construção de leituras críticas devidamente fundamentadas.

Para captar as representações dos alunos sobre modos de ler os textos literários, ensaiamos com os mesmos diversas abordagens de textos, orientando leituras dialógicas, isto é, formas de leitura que compreendem a explicitação dos modos de construção de sentidos e a análise de questões relativas às estruturas textuais e aos seus fundamentos estéticos. Em causa estão dimensões da textualidade literária, assim como do processo individual de leitura, um processo que norteia modos de atingir e de explicar os sentidos.

Tendo em conta a especificidade curricular da Didáctica da Literatura, são discutidos pressupostos teórico-metodológicos que implicam alternativas didáctico-pedagógicas de abordagem do texto literário em contexto escolar. Esses pressupostos dizem respeito a várias dimensões da leitura, como finalidades, tipos de leitura, processos, etc., aspectos que são objecto de estudos diversos sobre a leitura e que hoje constituem subsídios teóricos importantes sobre as

práticas escolares de leitura, que não exclusivamente do texto literário. Esses estudos encontram-se hoje dominados por uma abordagem transdisciplinar, que articulam pressupostos das ciências da linguagem e da educação. Tomamos em consideração ainda textos do campo educativo, que, de formas diversas, regulam e reconfiguram o que se entende por leitura na escola: os programas e os manuais escolares, respectivamente.

Na análise dos saberes académicos adquiridos no contexto desta formação inicial, importa dilucidar com os estudantes a forma como se encontram motivados e preparados academicamente para ensinar literatura no âmbito da escolaridade básica e secundária, tendo em conta o espaço que lhe é consagrado nos programas escolares, sem prejuízo de se poder e se dever colocar as questões da leitura literária numa abrangência maior.

Sabendo que os conhecimentos académicos são imprescindíveis para o ensino de modos de ler os textos literários, as práticas de leitura, por meio da especificidade do discurso pedagógico, revelam formas de recontextualização desses saberes. Ora, à luz das lógicas, dinâmicas e mecanismos recontextualizadores, que pressupõem uma episteme pedagógica, podemos formular a seguinte questão: que mecanismos têm lugar para que seja operada, no espaço curricular de uma Didáctica da Literatura, a necessária deslocação epistemológica, isto é, o repensar dos modos de transferência dos saberes do contexto académico/universitário para o contexto profissionalizante (um contexto que é objecto de estudo nesta disciplina)?

Na assunção de que os alunos adquiriram em percursos anteriores, como se disse, um conjunto de saberes académicos sobre a leitura e os textos literários, quer numa perspectiva sincrónica, quer numa perspectiva diacrónica e histórico-literária de onde devem partir, faz sentido, para nós, pensar na recontextualização desses saberes numa nova situação de leitura, agora, no espaço das aulas de Didáctica da Literatura, onde vão analisar e problematizar dimensões do conhecimento didáctico sobre a leitura em contexto escolar do ensino básico e secundário.

Tendo em conta, portanto, a estruturação de um corpo de conhecimentos sobre a didáctica da leitura do texto literário, importa enunciar as seguintes questões: como se dá a passagem dos saberes académicos para os saberes que têm lugar nas práticas pedagógicas escolares, que concretizam, níveis de ensino onde a abordagem da

literatura tem outras finalidades, distintas das que são praticadas no ensino superior?

Como recontextualizar a formação obtida nas disciplinas específicas, tendo por referência os objectivos de natureza didáctica do trabalho escolar com os textos literários?

Servem estas interrogações, entre outras, para procurar clarificar a natureza do trabalho pedagógico, nas nossas aulas, com os textos, designadamente quanto aos saberes de referência (que academicamente são designados por “saberes científicos” ou “saberes teóricos”) e seus modos de didactização, considerando a especificidade curricular desta disciplina. Tendo os alunos frequentado disciplinas da área de literatura portuguesa, como se posicionam na sua condição de futuros professores? Como encaram a passagem da situação de leitores, que receberam uma formação científica na área dos estudos literários, para a situação de formadores de leitores? Este é o cerne do problema. Que re-investimento e re-utilização fazem dos conhecimentos também da área da linguística que são fundamentais para a abordagem dos modos de realização da língua nos textos literários?

A formação dos alunos aqui sumariamente comentada, formação constitutiva de conhecimentos sobre língua e literatura faz parte da sua “biblioteca académica” e constitui o seu ponto de chegada na Didáctica da Literatura.

Por biblioteca académica (no contexto de uma formação inicial em línguas e literaturas) entenda-se o corpo de conhecimentos adquiridos, nomeadamente: i) conhecimentos que configuram os saberes teóricos construídos nas diversas disciplinas dessa formação; ii) conhecimentos práticos - as competências de investigação; iii) saberes atitudinais - um posicionamento pessoal sobre a dimensão simbólica da língua (e das práticas culturais que por ela se estruturam), enquanto elemento constitutivo de processos de afirmação cultural do indivíduo. Esse universo de saberes informa o que entendemos aqui por biblioteca académica dos alunos.

É desta biblioteca académica que partirmos para a análise daquilo que, segundo diversas perspectivas disciplinares e oficiais, tem constituído, contemporaneamente, um corpo de conhecimentos objecto de recontextualização/reconfiguração no cenário escolar. Se nas diversas disciplinas em que a literatura é um objecto de estudo (numa longa tradição universitária que não só europeia) tem sido abordado quase que exclusivamente o conhecimento sobre a literatura

(isto é, saberes sobre os textos e seus contextos históricos, sobre autores, questões de natureza periodológica, retórico-literária, etc.), na Didáctica da Literatura, este corpo de conhecimentos vai ser repensado na sua dimensão pedagógica, com tudo o que isso implica em termos de reconfiguração, com vista a produzir um saber que, para todos os efeitos, tem uma outra especificidade curricular. Significa isso que os objectivos, as finalidades, os conteúdos são perspectivados dentro de uma óptica que já não deve ser a do ensino superior, mas antes a dos sistemas de ensino básico e secundário. E o ponto de partida para a consideração dessa especificidade pedagógica é distinto do ponto de partida nas outras disciplinas ditas “científicas”. Nesta perspectiva, cabe à Didáctica da Literatura pensar justamente o contexto pedagógico de ensino da literatura, o que faz toda a diferença, dada a especificidade daquilo que podem ser os processos de recontextualização do conhecimento sobre a língua e a literatura portuguesas na disciplina de Português no ensino básico e secundário.

Assim, nas nossas práticas pedagógicas, a partir deste patamar de reflexão, a análise encaminha-se para a consideração dos seguintes aspectos, entre outros: i) a especificidade desses contextos de ensino anteriores ao ensino superior; ii) a natureza das acções que, com os textos e/ou à volta deles, nesses contextos têm lugar; iii) o tipo de conhecimentos contemplados e o modo como são abordados; iv) as finalidades investidas nas práticas de leitura, de acordo com posicionamentos teóricos dos estudos literários, linguísticos e educacionais. A análise de muitas das questões do discurso didáctico é tendencialmente norteadada pela atenção que julgamos fundamental relativamente aos processos de constituição do discurso pedagógico, no que se refere ao estudo da literatura na escola, assunto de que se têm ocupado inúmeros trabalhos de, entre outros, Carlos Reis, Aguiar e Silva, José Augusto Cardoso Bernardes, Rui Vieira de Castro e Maria de Lourdes Dionísio, sem esquecer os textos fundamentais que nos legou Margarida Vieira Mendes.

Não deixamos de ter em conta nas nossas análises avanços científicos de outros contextos educacionais, que ampliam perspectivas de estudo e investigação (pelos dados que nos permitem estabelecer comparações), como é o caso do sistema de ensino de outros países europeus e também do sistema de ensino brasileiro, neste último caso em virtude de intercâmbios, hoje muito mais frequentes do que há dez ou vinte anos.

Orientações teóricas e epistemológicas contemporâneas no domínio das práticas escolares de leitura, provenientes dos estudos literários, linguísticos e educacionais, e dentro destes de áreas emergentes, como a área dos novos estudos de literacia/letramento, configuram dispositivos teóricos sobre o lugar da literatura na educação, enfim, sobre modos de ler os textos literários na escola, mas não só nesta.

Partindo do campo de estudos sobre concepções e práticas de “letramento”, incluindo o “letramento literário”, Magda Soares assinala a natural vertente de escolarização da literatura, dado que o seu conhecimento, assim como o de outras matérias constitui objecto de ensino na escola (“a escola deve conduzir o aluno à análise do texto e à explicitação da sua compreensão e interpretação”), ocasião em que critica os exercícios escolares propostos aos alunos e faz a seguinte recomendação: “uma escolarização adequada da literatura será aquela que se fundamente em respostas também adequadas às perguntas: por quê e para quê ‘estudar’ um texto literário? O que é que se deve ‘estudar’ num texto literário?”.

De acordo com esta perspectiva, importa destacar, com os alunos, as principais formas de uso escolar dos textos literários, tarefa que conduzimos analisando também dispositivos reconfiguradores daqueles, como é o caso dos manuais escolares. As ilações que se extraem dessas análises dão corpo a concepções do trabalho escolar apresentado pelos manuais, isto é, as práticas de leitura dominantes são baseadas em exercícios de “identificação e tipificação de características formais”. À luz de estudos sobre o lugar da leitura, no manual escolar de Português, os alunos posicionam-se ainda sobre as suas experiências de leitura em contextos escolares anteriores.

Na discussão sobre as finalidades pedagógicas da leitura do texto literário, consideramos com os alunos vertentes fundamentais, convocadas explícita ou implicitamente por muitos autores, a saber, uma vertente formativa, que diz respeito a aspectos da formação do leitor e de significados que se investem nessa formação, e uma vertente informativa, presente sobretudo quando se pensa na dimensão cognitiva da leitura literária, de acordo com a modelização estética dos textos. Entendemos que a formulação, eficaz do ponto de vista teórico, ganha uma outra configuração quando em causa estão os actos concretos de leitura literária. Nesse caso, o conhecimento do leitor e os seus saberes experienciais interferem na cognição que se atinge e

esta, dependendo do trabalho de interpelação que é feito com os textos, de acordo com a sua especificidade estético-literária e de acordo com as finalidades da sua leitura, pode abrir um espaço de reflexão que, partindo do horizonte da literatura, atinja horizontes de vida.

No que diz respeito às dimensões formativas, em vários lugares chama-se a atenção para a importância das práticas de leitura na escola para a formação do gosto de ler, desde uma massa significativa de textos académicos até os programas escolares.

Ao lado dessas formulações, há que enfatizar a importância de conhecimentos e competências ao nível retórico-discursivo, pois o ensino da literatura pode abrir a senda para o desenvolvimento do pensamento crítico e problematizante dos sujeitos. Nesse sentido, uma questão que tem vindo a ser cada vez mais reiterada nos discursos sobre o lugar da literatura no ensino, na educação e, portanto, na formação de professores, é o que diz respeito a valores culturais, identitários e patrimoniais de que a literatura é portadora, na assunção de que esses valores devem fazer parte inalienável dos saberes a serem transmitidos/adquiridos pelos jovens em formação escolar.

Em nosso entendimento, é justamente esta dimensão simbólica e cultural que tende a ficar minimizada (quando não excluída) em leituras de tipo rarefeito, isto é, em leituras caracterizadas por uma grande superficialidade ao nível da compreensão e da explicação do fenómeno literário.

Adentrando, então, um pouco mais na questão aqui em causa, a problemática da leitura que nas nossas aulas é considerada centra-se, fundamentalmente, no conhecimento a ser adquirido pelos alunos sobre possibilidades de abordagem do texto literário em contexto escolar, tendo em conta os factores do processo de leitura, mas tendo em conta também as suas práticas de leitura, dada a importância desse saber performativo para um professor de Português. Quem experimenta dificuldades no processo da leitura terá também dificuldades em ensinar processos em outros contextos e tenderá a fazer da sua prática pedagógica uma prática mais apoiada em saberes de tipo declarativo, que sendo, fundamentais, não substituem a prática real da leitura, o confronto do leitor com o texto.

Para o estudo da especificidade do trabalho pedagógico com os textos literários é preciso, pois, ter em conta os diversos olhares sobre esse trabalho, dado que o mesmo é pensado, de diversos modos, em

diversos tempos, por diversas áreas, sob diversas perspectivas, que o tomam por referência mais ou menos directa (por exemplo, perspectivas das áreas da linguística, dos estudos literários, sem esquecer as das ciências da educação), sem esquecer, ao mesmo tempo, outras instâncias com um poder de regulação do ensino da língua e da literatura na escola, cujos pressupostos teóricos se encontram plasmados em programas escolares que dão expressão ao que se designa por currículo oficial.

Na disciplina de Didáctica da Literatura são, pois, objecto de reflexão diversas instâncias discursivas que estabelecem orientações sobre a leitura literária nas aulas de Português no ensino básico e secundário, instâncias que configuram um conjunto muito vasto de textos académicos sobre concepções e práticas de leitura, que, de modos diversos, contemplam esses contextos escolares em estudos sobre o ensino da literatura e/ou do Português e que, sendo objecto de estudo na formação inicial, pós-graduada ou contínua, têm algum tipo de reflexo na prática pedagógica.

Os saberes provenientes dessas diversas instâncias, quando convocados na disciplina de Didáctica da Literatura, são perspectivados de dois modos: em primeiro lugar, trata-se de analisar esses discursos, de acordo com a sua proveniência em termos de área de investigação de origem, e o seu alcance para o equacionamento da natureza, das finalidades e do processo de leitura dos textos literários em contexto escolar. Em segundo lugar, são convocados em diversas actividades práticas de abordagem didáctica dos textos literários, que levamos a cabo, considerando possíveis cenários de leitura nas aulas de Português naqueles níveis de ensino.

Após esta consideração de algumas referências que, pela sua relevância no campo cultural e académico, têm configurado vectores nucleares de estudos centrados nas práticas escolares de leitura da literatura, nos seus contornos epistemológicos e didáctico-pedagógicos, passamos a examinar problemas heurísticos que observamos nas práticas de leitura dos textos literários, que nesse espaço têm lugar. A reflexão sobre as condutas pedagógicas e suas implicações constitui, assim, um espaço de experimentação de possibilidades de actuação no campo da prática pedagógica.

Mas antes de avançarmos, é forçoso fazer um breve parêntesis para referir uma limitação endógena que impende na análise de condutas pedagógicas, a qual, em nosso entendimento, não pode ser

negligenciada nesta reflexão: tem a ver esta limitação com o facto de, neste trabalho didáctico com os alunos sobre modos de abordagem do texto literário, não estarmos em presença dos agentes do contexto escolar. Com efeito, no modelo de formação educacional das Faculdades de Letras, em Portugal, designadamente no que diz respeito às chamadas didácticas específicas, não se tem previsto propiciar aos alunos dessas disciplinas momentos de contacto com o terreno pedagógico. É, pois, no âmbito do Estágio Pedagógico que se vai, de facto, conhecer o contexto onde se vai actuar. Não se trata, aqui, de desvalorizar esse modelo de formação inicial de professores, que encerra inúmeras virtualidades, mas apenas de ter em conta observações de diversos agentes, incluindo os alunos, sobre a importância de contactarem com a realidade pedagógica anteriormente à frequência da disciplina de Estágio Pedagógico.

Essa circunstância não nos parece, no entanto, impeditiva da análise das questões que o campo pedagógico coloca, hoje, a uma disciplina de didáctica específica. Esta convicção fundamenta-se nos avanços alcançados pela investigação voltada para áreas que elegem como objecto de estudo contextos específicos da aula de Português, como práticas de escrita, de leitura, de interacção verbal, etc.

Retomando as formas de discussão sobre as abordagens didácticas teórico-práticas dos textos literários, nesta disciplina, vejamos, então, algumas questões cuja relevância didáctico-pedagógica interessam às áreas de docência e de pesquisa.

A discussão sobre o que fazer com os textos literários em ambiente escolar suscita inicialmente alguma perplexidade, que paulatinamente vai dando lugar a atitudes colaborativas. Assim, o trabalho com os textos literários, nos seus contornos didáctico-pedagógicos, começa, todos os anos, pela explicitação da necessidade de os estudantes operarem com instrumentos teórico-metodológicos que exigem um investimento na reflexão de modelos de ensino e nas suas condutas pedagógicas, na formulação de novos problemas na sua diferença pedagógica. Não descuramos, nesse espaço de interlocução, a importância dos saberes a serem transmitidos/adquiridos, equacionados segundo diversos métodos de ensino (incluindo abordagens conduzidas sob uma lógica eminentemente expositiva), os quais são de molde a exigir dos alunos a cortesia de uma escuta crítica e a enunciação argumentada sobre o modo como se revêem nas diversas perspectivas em presença.

Tenha-se em conta que a realização das tarefas é conduzida mediante uma particular atenção no que concerne às facilidades/difícultades dos alunos, de acordo com os seus conhecimentos, capacidades e interesses académicos.

Mas, afinal, como lêem os nossos alunos os textos literários, colocando-se numa posição de ensaiar abordagens adaptadas ao ensino básico e secundário? Todas as actividades de leitura são por eles levadas a cabo, num primeiro momento, dentro de uma perspectiva de reprodução da informação textual, o que configura, também de acordo com o testemunho que vão deixando, o modo como desempenharam tarefas de leitura em contextos académicos anteriores, desde a sua escolaridade básica e secundária. Ora essa "lógica da reprodução" (Bourdieu) condiciona as suas práticas de leitura dos textos, nas quais revelam, de princípio, um défice de autonomia interpretativa.

Mesmo demonstrando interesse pelo estudo da literatura, muitos alunos continuam a apresentar resistências em construir com alguma (e sublinhamos, apenas alguma) autonomia uma leitura dos textos, obedecendo a coordenadas literárias devidamente fundamentadas. Em causa está uma profunda iliteracia na leitura académica dos textos literários, tanto numa perspectiva científica como numa perspectiva didáctico-pedagógica, circunstância que, quanto a nós, continua a merecer estudos mais específicos, já que se trata de um problema pedagógico transversal.

Ainda no que se refere às operações de leitura dos alunos, observa-se, com muita frequência, a leitura como mera extracção de enunciados textuais, num exercício de repetição da informação textual. Um outro problema com este também relacionado, mas mais específico do trabalho com os textos literários na óptica didáctica, reside na dificuldade que uma grande maioria apresenta, em graus diversos, de ler criticamente os textos, problematizando as suas ideias nucleares, os seus nexos, tendo em conta as várias dimensões de abordagem. Ora, se os alunos têm dificuldades em verbalizar a sua compreensão dos textos, como podem conseguir analisá-los e interpretá-los?

No tocante às nossas opções e estratégias para operacionalizar os saberes de uma Didáctica da Literatura, aquela que nos parece ajustar-se ao presente momento histórico, temo-nos interrogado sobre as razões pelas quais não nos parece adequado do ponto de vista

pedagógico fazer tábua rasa dos níveis de proficiência dos alunos, designadamente quanto a este aspecto aqui problematizado – a abordagem escolar dos textos literários –, mesmo porque o contexto educativo de Estágio Pedagógico deles exige esse tipo de conhecimento. Por esta razão, de entre opções mais tradicionais, menos questionadoras dos modos de construção dos conhecimentos sobre a leitura literária em contexto escolar, optamos por processos pedagógicos que, tendo em vista uma formação literária adequada à sociedade contemporânea – e esta formação é sempre um ideal a ser atingido, uma meta, mas também um processo –, não descurem os caminhos para atingi-lo. Por outras palavras, um ensino pensado e estruturado a partir exclusivamente da lógica do saber em si mesmo e da sua transmissão não nos parece adequado nem aos processos educativos contemporâneos, no âmbito da formação de professores, nem à natureza movente e insubordinada da própria literatura.

Questões como estas patenteiam as enormes resistências de muitos alunos para se colocarem no processo cognitivo da leitura, com uma orientação conceptualmente estruturada, de modo a construir os sentidos do texto, como um primeiro patamar cimentador das suas possibilidades de interpretação. De resto, como bem analisar e interpretar algo cuja compreensão é estranha aos sujeitos?

Identificam-se, como temos vindo a sublinhar, dificuldades de integração das estruturas textuais e verbo-discursivas no processo da leitura, além de lacunas que muitos estudantes apresentam ao nível de uma adequada contextualização estético-literária e histórico-cultural dos textos. E no caso da reflexão sobre como concretizar em diversos ambientes escolares a autonomia dos leitores, esse conjunto de factores que temos vindo a convocar não deve, em nossa, opinião, deixar de ser tomado em consideração. Forçoso é sublinhar o reconhecimento pelos próprios estudantes da importância desse objectivo formativo e pedagógico que a Didáctica da Literatura a si tem chamado.

Insistimos nos problemas de verbalização da leitura literária. Se a informação textual não passa para os quadros de referência do leitor, se ela não é integrada na sua voz, então ficam comprometidos critérios de rigor na realização desse trabalho didáctico, a nível formativo, que é o de fazer dessas práticas pedagógicas um ensaio teórico e prático, de tipo também performativo, que esboce os caminhos de abordagem do texto literário em contexto escolar, atendendo a diversos factores.

Com efeito, a compreensão dos textos, nos diversos contextos sociais, implica, consabidamente, a verbalização do sentido. Ora a dificuldade dos alunos em verbalizar a compreensão que têm dos textos está associada, precisamente, ao pouco uso das suas competências discursivas em contexto formal de ensino.

Com o intuito de praticar com os futuros professores operações heurísticas de leitura baseadas nos indícios textuais e na sua enciclopédia de leitores, de acordo com a natureza dos textos e os objectivos das tarefas de leitura, temos procurado desenvolver capacidades e competências de leitura, através de ensaios práticos que mobilizam o interesse dos alunos.

E isso, na convicção de que o trabalho pragmático da leitura evidencia orientações, caminhos percorridos e a serem seguidos ou deixados de lado; numa palavra, essa orientação heurística, de cariz semiológico/pragmático, potencia múltiplos investimentos cognitivos. Se, no ponto de partida das abordagens textuais, se procura ter em atenção os conhecimentos e as capacidades interpretativas dos alunos, poder-se-ia pensar num centramento exclusivo dos saberes prévios. Não é esta, no entanto, a conduta que adoptamos; pelo contrário, o treino de capacidades de leitura possibilita o desenvolvimento de competências de leitura e de reflexão necessárias ao trabalho interpretativo dos textos.

Se privilegiamos como ponto de partida a observação dos conhecimentos prévios dos sujeitos, entendemos que muito mais é necessário para que a escola assegure a transmissão/aquisição de conhecimentos, valorizando, pois, a dimensão de instrução do ensino.

A orientação que aqui se esboça de forma necessariamente sumária, é levada a cabo na abordagem tanto dos textos de natureza teórica sobre as diversas matérias da disciplina (problemática da leitura em contexto pedagógico, didáctica dos géneros, etc.) como no estudo das alternativas metodológicas para o trabalho escolar com a leitura de textos literários, passível de ser produtivamente considerado pelos futuros professores de Português. Nesse processo, importa ter em atenção a dinâmica das actividades heurísticas de abordagem dos textos, levadas a cabo no espaço curricular da Didáctica da Literatura, em regime de oficina de leitura, nesta perspectiva de formação escolar do leitor de textos literários, no âmbito da disciplina de Português, tanto no ensino básico com no ensino secundário.

Fica evidente, pelo exposto, que está completamente ausente da

nossa prática de ensino a ideia de formatação de conteúdos didácticos prontos a serem utilizados nas aulas do ensino básico e secundário. Apesar deste posicionamento pedagógico, obedecendo, pois, a critérios de rigor e de exigência, atentos evidentemente aos imperativos do nosso mister, no sentido de fornecer aos alunos instrumentos de trabalho e de orientá-los na elaboração das suas tarefas académicas, todos os anos sentimos, da parte de muitos alunos, o desejo de receberem na disciplina de Didáctica da Literatura um conhecimento pronto a ser usado nas suas práticas pedagógicas, situação essa que, segundo diversos estudos, se revela comum a outros espaços e tempos. O que parece estar em causa nessa atitude é uma representação da disciplina de Didáctica da Literatura (e a mesma atitude revela-se noutras didácticas específicas) como um local onde se vai aprender um conjunto de estratégias para serem aplicadas na prática, enfim, um saber formatado quando não mesmo o desejo de “aprender” um receituário de procedimentos.

Chegados a esse ponto, confrontamos os alunos com a natureza resistente da literatura, e da arte em geral, a uma inadequada escolarização, como bem demonstrou Magda Soares, ao contestar práticas pedagógicas estafadas e ao propor alternativas, no que converge com autores aqui convocados, como é o caso de Aguiar e Silva e Cardoso Bernardes.

Em suma, porque os textos literários oferecem uma enorme resistência a leituras apressadas, fáceis, estereotipadas, redutoras e simplistas, procuramos orientar os futuros professores a praticarem leituras exigentes, que traduzam o seu esforço na construção da significação textual, na interpelação hermenêutica do texto, tendo em conta diversos pressupostos teórico-metodológicos oriundos de teorizações sobre a literatura e a leitura, sem esquecer os contornos em que nos situamos, isto é, num espaço institucional, que também ele configura e reconfigura o conhecimento do presente e do passado sobre a leitura da literatura e sobre o seu ensino.

Mas vejamos mais de perto os tipos de dificuldades manifestadas. As lacunas que os alunos apresentam na realização das actividades de leitura são reveladoras tanto de insuficientes conhecimentos académicos como de limitadas capacidades pessoais de leitura. Em síntese, as dificuldades apresentam-se em vários níveis do complexo processo da leitura, que por uma questão de eficácia metodológica, nesta exposição, destacamos, designadamente quanto

aos seguintes aspectos: i) ao nível do desempenho heurístico e interpretativo dos textos, onde fica evidente a limitação na construção de significados; ii) ao nível da verbalização do pensamento próprio e das ideias que vão surgindo sobre os textos que lêem; iii) ao nível da captação das coordenadas semânticas dos textos e seus enquadramentos retórico-estilísticos e histórico-literários.

Estamos em crer que lacunas dessa natureza são as mesmas que ocorrem em outros espaços (e por isso dizemos que o problema é transversal), a exemplo do que foi assinalado por Teresa Amado e Inês Duarte. Pronunciando-se sobre o perfil dos licenciados da Faculdade de Letras, da Universidade de Lisboa, num encontro organizado por Maria Helena Mira Mateus, as autoras chamavam a atenção para a necessidade de investir nas competências linguísticas e discursivas, na formação de quadros mentais, na apropriação de uma linguagem conceptual própria das diversas disciplinas.

Por considerar o testemunho acima de grande valia para o contexto em que nos situamos, em relação às práticas de leitura de textos literários realizadas pelos alunos na disciplina de Didáctica da Literatura, procuramos trabalhar com os mesmos as dificuldades cognitivas em presença. Assim, depois de experimentadas as dificuldades, de objectivadas as suas áreas de incidência (a nível semântico, sintáctico e pragmático, a nível retórico-discursivo, a nível das metalinguagens e conceitos nucleares, etc.), envolvendo os saberes declarativos e processuais dos alunos (dificuldades que encaramos sempre como uma oportunidade para que se treinem operações heurísticas que desencadeiem mecanismos de funcionamento semiótico do texto no processo da leitura, de forma a reconstruir as suas redes de significação de forma coerente), torna-se-lhes evidente que a conduta que devem adoptar é a de sujeitos reflexivos, com a responsabilidade de convocar conhecimentos objecto de estudo em percursos anteriores, mas agora com a finalidade de os equacionar na sua diferença pedagógica, isto é, tendo em vista a sua integração em outros níveis escolares, em outros contextos académicos, o que implica ter em conta perspectivas pedagógicas que colocam problemas distintos das aprendizagens em contexto universitário. Com efeito, por ocasião da problematização de alternativas metodológicas para o trabalho escolar com os textos literários, e sendo necessário, convocar mecanismos semióticos do texto literário, só para dar um exemplo, muitos alunos já não se recordam de conhecimentos declarativos

abordados anteriormente, em várias disciplinas, referências que são fundamentais para o trabalho escolar com a leitura literária.

Uma das razões de algum desfasamento na configuração por parte dos estudantes de quadros mentais próprios das diversas disciplinas de forma a integrar conhecimentos, configuração que lhes permita estabelecer linhas de convergência entre domínios científicos, poderá residir no tipo de lógica essencialmente investigativa dominante no trabalho com os textos e autores, como sublinhou Cardoso Bernardes. É de notar a positividade de uma assunção deste autor, justamente a esse propósito, num momento em que o ensino nas universidades sofre profundas mudanças: "Nas Universidades, designadamente, os textos e os autores continuam, por norma, a ser analisados numa perspectiva de estrita prospecção investigativa, descurando quase por completo o estudo do impacto intelectual e emocional desses mesmos textos e autores junto dos seres históricos que são sempre os alunos. Essa forma de conceber e estudar literatura no Ensino Superior cria depois efeitos de mimetismo no ensino secundário, gerando reacções de distanciamento e estranheza difíceis de vencer".

A especificidade didáctica desta actividade com os textos literários na disciplina de Didáctica da Literatura assume diversas formas de trabalho de natureza teórico-prática, sendo que as práticas de interacção verbal incidindo sobre os textos literários são concretizadas também em regime de oficina de leitura, nas quais os alunos i) mobilizam as suas capacidades de leitura inferencial, em movimentos de subjectivação do universo imaginário proposto pelos textos, ii) explicitam a forma como constroem a significação textual; iii) analisam do ponto de vista metacognitivo as suas operações intelectuais. A reflexão sobre as práticas de leitura, sobre os saberes e os processos que nelas têm lugar é objecto de uma reflexão numa perspectiva seminarial (no sentido barthesiano), por forma a orientar os alunos para a operacionalização de possibilidades de abordagem escolar dos textos literários.

À medida que vão ganhando autonomia na construção da leitura (Todorov), esboçam, num registo de ensaio, de tipo performativo, possibilidades didácticas para a prática da leitura dos textos literários no contexto do ensino básico e secundário, possibilidades que são operacionalizadas em alternativas práticas de trabalho, incluindo a produção de instrumentos didácticos.

Chegados a este patamar pedagógico, os estudantes encontram-se, quanto a nós, munidos de instrumentos e quadros de referência fundamentais para concretizar, em contexto de Estágio Pedagógico, alternativas para uma produtiva recontextualização dos saberes fundadores da sua biblioteca académica no trabalho escolar com o texto literário.

Conclusão

A análise de concepções e práticas de leitura do texto literário, designadamente no espaço curricular de uma Didáctica da Literatura, sendo uma questão que diz respeito à formação de professores de Português, levanta problemas que tocam a todos os níveis de ensino, do básico ao superior.

Os instrumentos disponíveis para analisarmos um tema de tal amplitude (do qual aqui tratámos apenas algumas vertentes) obrigam-nos a reconfigurar atitudes epistemológicas. De facto, o estudo sobre a natureza e os processos aqui designados por *trânsito da biblioteca académica dos alunos para o contexto pedagógico da leitura* leva-nos a operar uma tal reconfiguração. E nesta direcção, os caminhos da literatura e da educação encontram-se e colocam ao ensino e à investigação interessantes desafios.

Referências bibliográficas

- BERNARDES, José Augusto Cardoso — *Como abordar a literatura no ensino secundário. Outros Caminhos*. Porto : Areal, 2005.
- BERNSTEIN, B. — *La estructura del discurso pedagógico*, 3ª ed., Madrid : Ediciones Morata, 1997.
- CASTRO, Rui Vieira de; SOUSA, Maria de Lourdes Dionísio de — *Entre linhas paralelas*. Estudos sobre o Português nas Escolas, Braga : Angelus Novus, 1998.
- CASTRO, Rui Vieira de — *Para a análise do discurso pedagógico. Constituição e transmissão da gramática escolar*, Braga : Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 1995.
- CASTRO, Rui Vieira de — “O Português no Ensino Secundário: Processos contemporâneos de (re)configuração, in DIONÍSIO, Maria de Lourdes; CASTRO, Rui Vieira (org.) — *O Português nas escolas. Ensaio sobre a língua e a literatura no ensino secundário*, Coimbra : Almedina, 2005.
- DIONÍSIO, Maria de Lourdes da Trindade — *A construção escolar de comunidades interpretativas. Leituras do manual de Português*, Coimbra : Almedina, 2000.
- MELLO, Cristina — *O ensino da literatura e a problemática dos géneros literários*, Coimbra : Almedina, 1998.
- MELLO, Cristina — “A institucionalização da didáctica da literatura”, in AA.VV., *Didáctica da Língua e da Literatura*, vol. 1, Coimbra : Almedina, 2000, p. 119-130.
- MENDOZA FILLOLA, Antonio — “El proceso de recepción lectora”, in MENDOZA FILLOLA, A., (coord.) — *Conceptos clave en didáctica de la lengua y la literatura*, 1998, p. 169-189.
- REIS, Carlos — “Didáctica da Literatura”, in ADRAGÃO, José Victor; REIS, Carlos — *Didáctica do Português*, Lisboa : Universidade Aberta, 1990.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e — “Teses sobre o ensino do texto literário na aula de português”, in *Diacrítica*. 13-14. Braga : Universidade do Minho, 1999.

SOARES, Magda — “A escolarização da literatura infantil e juvenil”,
in EVANGELISTA, Aracy Alves Martins, *et al.*, (orgs.) —
*A escolarização da leitura literária. O jogo do livro infantil e
juvenil*, Belo Horizonte : CEALE/Autêntica, 2006.